

5 Considerações finais

5.1 Visão geral

Nesta dissertação, estudamos os processos psico-pragmáticos que explicam academicamente o poder de manipulação dos editoriais. Especificamente, analisamos as orações subordinadas substantivas e seu papel psico-pragmático nos editoriais de jornal dentro de uma abordagem teórica respaldada pelos pressupostos da Linguística Cognitiva. Para tentarmos entender e posteriormente demonstrar que papel era esse, utilizamos o Modelo dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994; 1997), incluindo os conceitos de mesclagem e de figura-fundo. Partimos do pressuposto de que a orientação discursiva concretiza-se como aquilo que no jargão jornalístico chamamos usualmente de “linha editorial”. Ela engloba as ideologias, modelos culturais, os preconceitos, os conhecimentos socialmente compartilhados e a perspectiva do emissor sobre os quais o discurso, no caso, dos editoriais, encontra-se fundamentado. Formam o fundo e sinalizam modelos cognitivos idealizados em cada editorial de jornal. Nossa análise indicou que as orações subordinadas substantivas constituem espaços mescla nos quais crenças e realidade se colam, contribuindo para que opiniões sejam mascaradas como “verdades”. Da mesma forma, nossa análise também indicou que o jogo figura-fundo se projeta nas orações dos editoriais fazendo com que o foco de atenção esteja a maior parte do tempo no espaço de referenciação das orações subordinadas substantivas, principalmente das subjetivas em estruturas clivadas. Por natureza funcional, estas estruturas são factivas. Assim sendo, fazem com que os recursos de atenção dos leitores se debrucem sobre o **foco**, deixando de ver a contraparte do jogo, o fundo, consubstanciado pelas pressuposições que flutuam por vários outros espaços mentais, pela orientação discursiva e pelo ponto de vista do sujeito que age na cena discursiva.

Este sujeito, ao permanecer no plano de fundo, é sombreado, gerando efeitos semânticos que levam os leitores a perceber opiniões como se estas fossem verdades.

Assim sendo, conseguimos mostrar sistematicamente, através das mesclas e do jogo figura-fundo, aquilo que muitos leigos apenas intuem.

5.2 Reflexões gerais

Inspirada nas antigas discussões filosóficas sobre o que é a verdade e arrebatada pela força retórica presente na mídia impressa formadora de opinião de nosso tempo, concentrei meu olhar de pesquisadora no discurso dos editoriais de jornais. A percepção generalizada de que na imprensa quase não há espaço para imparcialidade intrigava-me, visto que tudo o que nela se diz é recorte de um quadro ideológico e cultural maior.

Minha pesquisa teve início com a seleção de editoriais representativos das cinco regiões do país. Busquei compilar um corpus que fosse homogêneo, com vistas a eventuais comparações com outros estudos, mas que preservasse características discursivas de cada região. Com o corpus na mão, comecei a leitura dos mesmos, procurando desenvolver um grau maior de intimidade com os editoriais. Minha intenção foi discutir a questão da “verdade” através de um estudo que aliasse recursos da Análise do Discurso a teorias sócio-cognitivistas.

Com este objetivo, e com base em Biber (1988), realizamos a primeira fase do estudo, que derivou na definição das orações subordinadas substantivas como objeto de análise. A análise quantitativa demonstrou alta frequência desta estrutura, corroborando o estudo multidimensional de Biber (1988) sobre sua recorrência no gênero editorial. Com estes dados em mãos, lancei mão da Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994, 1997) e de conceitos como mesclagem, perspectivação, figura-fundo e orientação discursiva para demonstrar academicamente, isto é, através de um modelo teórico, como as “verdades” vão sendo construídas no discurso no gênero editorial. Nossos resultados se alinham com outros estudos dentro da área da Linguística Cognitiva, que apontam para o contexto como elemento do plano de fundo (cf. Grundy e Jiang, 2001).

5.3 Reflexões teóricas

A utilização dos pressupostos da Linguística Cognitiva em nossa pesquisa foi fundamental para que pudéssemos realizar uma reflexão pragmática e cognitiva sobre a linguagem e assim respondêssemos às perguntas (1) e (3):

- Por que o saber leigo enxerga o discurso dos editoriais como manipulativo?
- Qual a função psico-pragmática deste recurso lingüístico no corpus de editoriais?

Em nossa análise, fomos em busca de pistas lingüísticas que remetessem para tais pressupostos, tais como o da não-autonomia da linguagem e da percepção de que ela não é um fenômeno arbitrário, e sim, altamente motivado. Nossa percepção das orações subordinadas substantivas como estruturas sintática e discursivamente não marcadas, porém perceptualmente salientes, no discurso editorial, corrobora estes dois aspectos; isto é, a sintaxe foi abordada como um mecanismo flexível, uma projeção das motivações dos participantes da interação – uma estratégia.

Além disso, a identificação de esquemas imagéticos e MCIs como elementos de estruturação cognitiva do discurso, assim como do próprio jogo figura-fundo, corroborou a noção sócio-cognitivista de que a linguagem é reflexo da projeção de *gestalts* experienciais e possui natureza metafórica. Em diversos exemplos analisados identificamos esquemas imagéticos que refletem metaforicamente a noção de corpo humano no discurso. O paradigma filosófico no qual esta pesquisa se inseriu, isto é, o realismo experiencialista (Marmaridou, 2000) serviu de sustentáculo para que em nossa análise a inserção do sujeito como co-construtor da significação se tornasse parte crítica do jogo figura-fundo.

A Teoria dos Espaços Mentais, incluindo o conceito de mesclagem, permitiu que respondêssemos à pergunta (1), e que tentássemos demonstrar como o processo de construção da significação pode estar ocorrendo nos bastidores do discurso. Considerando que acreditamos que o significado não está nas palavras, mas sim na realidade dos participantes da interação, e que a linguagem é apenas pista para expressar esta realidade e suas significações, a Teoria dos Espaços Mentais constitui-se como um modelo de interpretação do processo cognitivo que

se dá com a expressão de tais pistas. Além disso, permitiu-nos analisar as subordinadas substantivas como uma confluência de espaços onde flutuam pressuposições e fatos dentro de uma moldura comunicativa onde está presente a perspectiva do enunciador. Na verdade, é complicado fazer qualquer tipo de afirmativa assertiva sobre a relação das pistas lingüísticas com o que supomos estar ocorrendo cognitivamente e processualmente na mente no que tange o processo de construção da significação. No entanto, nossa análise mostrou que as orações subordinadas substantivas sinalizam espaços mescla de referenciação de forma recorrente ao longo do corpus. A relação entre conceitos sintáticos, pragmáticos, cognitivos e discursivos demonstrou ser eficaz em nossa análise, pois permitiu que apresentássemos uma explicação cognitiva para o que nos intrigava como leitores leigos. A mesclagem e o jogo figura-fundo constituíram-se, assim, em instrumentos teóricos fundamentais para demonstrarmos academicamente aquilo que a princípio caracterizava-se apenas como intuição.

5.4 Reflexões metodológicas

A utilização de corpus nesta pesquisa possibilitou aferir a prototipicidade das orações subordinadas substantivas no gênero editorial. O controle das variáveis de caracterização do corpus permitiu que este ficasse homogêneo, garantindo a legitimidade de tal processo. A opção pela realização de uma análise quantitativa anterior à qualitativa foi fundamental para que refinássemos o escopo da pesquisa, já que o resultado obtido apontou para a alta frequência de orações subordinadas substantivas no corpus.

Relacionamos este resultado à Biber (1988), segundo o qual os editoriais de jornal apresentam frequência alta de orações subordinadas substantivas, sinalizando um grau alto na dimensão 6 (elaboração informativa on-line) e apontando, segundo ele, para a função secundária das subordinadas substantivas de “expressar opiniões, atitudes ou declarações pessoais de indivíduos” (Biber, 1988: 160). Nossos resultados apontaram para os mesmos aspectos detectados pelo autor, no âmbito da língua portuguesa, e balizaram nossa própria intuição inicial de que as orações subordinadas poderiam

constituir-se como um objeto de análise que iluminasse nossas perguntas de pesquisa.

Através da análise qualitativa observamos que nossa hipótese de que a orientação discursiva pode ser vista como função pragmática que relaciona espaços mentais é recorrente em todos os tipos de orações subordinadas substantivas (com função argumental, predicativa e apositiva).

Da mesma forma, a assimetria figura-fundo, uma *gestalt* que sinaliza como percebemos as cenas comunicativas, contribuiu para confirmar nossa hipótese de trabalho: as orações subordinadas substantivas, nos editoriais, apresentam saliência conceptual, são figuras, a despeito de serem sintaticamente dependentes das orações principais.

Além disso, confirmamos fatos discursivos apontados por Thompson (1987) e Moura Neves (1997), no que tange as múltiplas dimensões das construções lingüísticas, e avança uma nova reflexão sobre o jogo figura-fundo, nos moldes da Lingüística Cognitiva. Dentro dessa reflexão, emerge o contexto como ativador de espaços onde flutuam pressuposições que se mantêm fora do foco de atenção do leitor, funcionando, portanto, como fundo.

A utilização do conceito de figura-fundo demonstrou ser fundamental para que pudéssemos perceber o papel das orações subordinadas substantivas nos editoriais, já que nos fez questionar sobre o que poderia estar exercendo função de fundo, já que na estrutura da informação as subordinadas aparecem como informação nova. Através da análise dos espaços mentais e das funções pragmáticas que estabelecem correspondências entre eles, percebemos que o fundo era constituído pela orientação discursiva, os modelos culturais e ideologias que ela ativava e, naturalmente, pelo ponto de vista da instituição.

Assim sendo, o conceito de perspectivação (Langacker, 1990) também foi fundamental para que determinássemos os processos psico-pragmáticos que explicam a percepção de opiniões como fatos. Percebemos que as diferentes perspectivas se projetam nos editoriais via orientação discursiva. A estrutura sintática que projeta o jogo figura-fundo não é arbitrária, é motivada pela orientação discursiva e pelo propósito comunicativo de cada produtor de discurso, pois permite sombrear que tipo de informação fica no plano de fundo. Nossa análise demonstrou que a perspectiva do sujeito precisa ser levada em consideração em qualquer situação comunicativa, já que é a partir dela que a

significação se constrói. Nos cursos de formação de jornalistas, fatos lingüísticos vinculados a esta escolha necessitam ser criticamente discutidos para fomentar a compreensão de que há fatos psico-pragmáticos operando além da ponta do iceberg.

5.5 Limitações

Dentre os aspectos que necessitariam ser investigados para aumentar a confiabilidade e a validade do estudo ora apresentado encontram-se outros tipos de orações subordinadas no gênero editorial, regionalismos e o empreendimento de pesquisa etnográfica nas editoriais dos jornais. A análise das subordinadas adjetivas e adverbiais segundo a metodologia e o arcabouço teórico aqui adotados poderia estender nossos resultados para outros tipos de relações de subordinação, reforçando ou minimizando nossos resultados. Uma análise que desse mais ênfase aos aspectos que caracterizam as regiões onde cada editorial foi publicado, enfocando principalmente como tais aspectos se projetam na linguagem de cada editorial, poderia ser bastante frutífera. A inclusão deste dado na análise poderia apontar para características contextuais que não foram consideradas neste estudo. A inclusão de pesquisa etnográfica na metodologia deste estudo também teria contribuído para que a situação comunicativa, com seus participantes, fosse caracterizada de forma mais específica, já que a etnografia da comunicação configura-se quase como um retrato da situação comunicativa. Com ela, teríamos uma caracterização mais rigorosa do CONTEXTO e, portanto, da ORIENTAÇÃO DISCURSIVA. Talvez uma investigação mais ampla pudesse elucidar outros aspectos que viessem a contribuir para nossas perguntas de pesquisa e a refinar alguns daqueles que conseguimos apontar.

Gostaria de ressaltar, ainda, a dificuldade de realizar um estudo desta natureza com base em conceitos altamente abstratos de difícil verificação empírica. A análise dos dados exigiu um alto grau de abstração e de distanciamento do signo lingüístico *per se*, o que fez com que o processo se tornasse ainda mais complexo. Isso aponta para a indiretividade das conclusões apresentadas, indiretividade esta

inerente às análises lingüísticas qualitativas, principalmente aquelas que tratam de questões filosóficas.

5.6 Principais contribuições

Acreditamos que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas interessadas no arcabouço teórico sócio-cognitivista, especificamente da Teoria dos Espaços Mentais. Acima de tudo, ele consiste em uma reflexão sobre os processos cognitivos subjacentes à linguagem e à co-construção da significação. Este tipo de reflexão nunca é excessiva, considerando a complexidade do tema e a grande dificuldade que é demonstrar de forma clara como processos mentais podem estar sendo desenvolvidos na mente, uma vez que, com exceção das pesquisas com *PET scan* na área de neurolingüística, não temos acesso a outro meio, que não a própria linguagem, para tratarmos do tema. Além disso, outros estudos de corpus em língua portuguesa podem ser realizados com base em nossa metodologia com intuito de perceber a função cognitiva de outras estruturas sintáticas em outros gêneros textuais que emergem como as mais representativas do gênero. A aproximação da Análise do Discurso com a Lingüística Funcional Cognitiva em um estudo de corpus em língua portuguesa também contribuirá para projetar os estudos feitos no Brasil e fomentar a produção de novos estudos dentro desta mesma linha.

Além disso, a metodologia utilizada pode contribuir como referência para que estudos semelhantes sejam feitos no futuro com corpus constituídos por gêneros textuais diferentes.

5.7 Aplicações e implicações

Possíveis aplicações para este estudo incluem o ensino de produção textual, principalmente na área de comunicação (jornalismo). A reflexão sobre as estratégias psico-pragmáticas que norteiam a construção da significação, principalmente no gênero editorial, pode trazer contribuições interessantes para o fazer jornalístico.

A percepção de que a construção do sentido é realizada com base em múltiplos domínios cognitivos e não na soma algébrica das palavras, isto é, a percepção de que as palavras não contêm significado, mas sim são pistas para a co-construção do mesmo, pode levar à formação de jornalistas mais conscientes das ferramentas de que dispõem para formar opiniões. Os resultados quantitativos, que apontaram para uma alta frequência de orações subordinadas no corpus de editoriais podem igualmente ser utilizados futuramente no ensino de produção textual nas escolas de jornalismo. Se as orações subordinadas substantivas constituem um recurso tipicamente utilizado em editoriais, cabe apreender como utilizá-lo.

Estes fatos corroboram nossa visão de que a subordinação deve ser apresentada aos futuros jornalistas, por exemplo, como uma estratégia discursiva capaz de embutir informações perceptualmente salientes, funcionando inclusive como estratégia de economia no processamento lingüístico, se tomarmos a Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, 1985, 1995) como ponto de referência. Acreditamos que mais do que saber identificar e usar corretamente estruturas subordinadas substantivas no nível sintático, o aluno de jornalismo deve saber reconhecer sua função no nível ideacional e perceptual no processo de construção da significação.

Outra possível aplicação seria na formação de leitores. Uma reflexão sobre o poder da linguagem e sobre a não arbitrariedade das escolhas sintáticas no processo de co-construção do sentido melhor prepararia o público leitor para a interatividade virtualmente construída no processo de leitura.

Além disso, este estudo pode contribuir para uma reflexão sobre o poder da linguagem e sobre a não arbitrariedade das escolhas sintáticas no processo de co-construção do sentido. Nem sempre os recém-formados ou jornalistas em formação têm este entendimento. Pelo contrário, defendem a tal “imparcialidade”. Para que essas contribuições se consubstanciem em realidade, os passos metodológicos e as reflexões realizadas com base na análise aqui empreendida deverão servir de input no planejamento e elaboração de materiais na área de formação de escritores e leitores. Diversos tipos de exercícios poderiam ser desenvolvidos com base nesta pesquisa para serem aplicados em sala de aula. Um exemplo para uma possível aplicação seria a elaboração de materiais que

promovessem entre os alunos a reflexão crítica sobre a relação entre sintaxe, pragmática e cognição, dentro dos seguintes moldes:

1. Leitura em sala de aula de editoriais do corpus representando cada grupo segundo a orientação discursiva.
2. Discussão sobre a informação presente nas orações subordinadas substantivas previamente sinalizadas no texto pelo professor. O intuito não é verificar se o aluno sabe identificar as orações subordinadas, e sim, refletir junto com ele sobre seu papel psico-pragmático.
3. Problematizar junto aos alunos os seguintes pontos:
 - A que imagens mentais elas remetem? Por quê?
 - Que outras informações você acha que faz parte deste contexto?
 - Como esta mesma oração poderia ser re-escrita sem que a estrutura subordinada fosse utilizada? O intuito aqui é construir várias paráfrases e tentar trazer à baila as informações que são pressupostas.
 - Que diferenças ficam salientes após a re-escritura? Por quê?
4. Apontar para o conceito de MCIs e para o papel da cognição que subjaz à linguagem visível nos editoriais.
5. Problematizar a “verdade” da informação.

Acreditamos que exercícios reflexivos desta natureza possam contribuir para a formação de jornalistas capazes de perceber como a linha editorial do jornal se projeta nos editoriais. Se assim o for, pode contribuir para a formação crítica de tais jornalistas em potencial.

5.8 Conclusão

Apesar das pessoas intuïrem que na mídia impressa, muitas vezes, opiniões são apresentadas como se fossem fatos (ou “verdades”), elas não conseguem definir muito bem como isto ocorre. Raros estudos propuseram-se a analisar de

forma sistemática e formal a razão de ser desta impressão. Esta foi a nossa proposta. Os construtos teóricos EM, mesclagem e figura-fundo nos permitiram realizar esta demonstração. Ao incluir o indivíduo na situação discursiva, colocando ali o fenômeno lingüístico vivo, a pragmática nos ajuda a entender os processos cognitivos subjacentes.

Nietzsche nos pergunta: “O que sabe o homem sobre si mesmo? Seria ele sequer capaz de alguma vez perceber-se completamente, como se estivesse em uma vitrine iluminada?”. O distanciamento do homem em relação a si mesmo, a capacidade do homem de se perceber com os olhos do extraterrestre, que Nietzsche afirma ser impossível de existir, é aquilo que, ao meu ver, a pragmática e a Lingüística Funcional Cognitiva almejam obter.

5.9 Recomendações para estudos futuros

Futuros estudos deverão verificar a função dos outros tipos de orações subordinadas nos editoriais no que tange a questão da verdade, para verificar a validade da análise aqui proposta em outros tipos de construção. Como mencionado anteriormente, há muito o que ser estudado sobre a questão das pressuposições (Presupposition Float, Fauconnier, 1994).

Da mesma forma, recomendamos também a aplicação do Modelo dos Espaços Mentais em outros estudos de corpus para verificar a função discursiva de outras pistas lingüísticas, sob um prisma psico-pragmático.

Caberia também mencionar que outros estudos deveriam investigar o jogo figura-fundo e sua relação com as dimensões ideacionais e lingüísticas em outros gêneros. Talvez, a moldura comunicativa dos editoriais seja uma variável que esteja interferindo na nossa percepção do jogo. Em outras palavras, sugerimos o desenvolvimento de estudos que lançassem mão do mesmo arcabouço teórico para investigar a construção da significação em gêneros diversos.

Ainda gostaria de recomendar um estudo que focasse um corpus formado por editoriais de uma única das regiões que apresentaram características idiossincráticas. Talvez uma análise assim constituída possa também vir a agregar valor aos resultados aqui avançados.